

I

O estrangeiro

— Quem é que tu amas mais, homem enigmático, diz: o teu pai, a tua mãe, a tua irmã ou o teu irmão?

— Eu não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Os teus amigos?

— Usas uma palavra cujo sentido me é, até hoje, desconhecido.

— A tua pátria?

— Ignoro em que latitude fica.

— A beleza?

— Amá-la-ia de boa vontade, deusa e imortal.

— O ouro?

— Odeio-o como vós odiais a Deus.

— Bom, o que é que tu amas, então, extraordinário estrangeiro?

— Eu amo as nuvens... as nuvens que passam... além... além... as maravilhosas nuvens!

II

O desespero da velha

A velhinha engelhada ficou toda contente ao ver aquela linda criança a que todos faziam uma festa, a que toda a gente queria agradar; aquele lindo ser, tão frágil como ela, a velhinha, e, como ela também, sem dentes e sem cabelo.

E aproximou-se dela, querendo fazer-lhe risinhos e momicas agradáveis.

Mas a criança assustada debatia-se sob as carícias da boa mulher decrépita, enchendo a casa com os seus guinchos.

Então a boa da velha retirou-se para a sua solidão eterna, e, chorando num canto, dizia para si: «Ah, para nós, velhas fêmeas infelizes, passou a idade de agradar, até aos inocentes, e causamos horror às criancinhas que queremos amar!»

III

O *confiteor* do artista

Como são penetrantes, os fins de tarde do outono! Ah, penetrantes até à dor! Pois há certas sensações deliciosas de que o vago não exclui a intensidade, e não há ponta mais aguçada que a do infinito.

Que grande delícia, a de afogar o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul!, uma pequena vela tremulando no horizonte, e que, na sua pequenez e isolamento, imita a minha irremediável existência, monótona melodia da rebentação, todas essas coisas pensam por mim, ou eu penso por elas (pois na grandeza do devaneio, o *eu* perde-se tão depressa!); elas pensam, digo eu, mas musicalmente e pitorescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Todavia, estes pensamentos, quer saiam de mim, quer se lancem das coisas, logo se tornam demasiado intensos. A energia na volúpia cria um mal-estar e um sofrimento positivo. Os meus nervos demasiado tensos dão apenas vibrações agudas e dolorosas.

É agora a profundidade do céu consterna-me; a sua limpeza exaspera-me. A insensibilidade do mar, a imutabilidade do espectáculo revoltam-me... Ah! é preciso eternamente sofrer, ou evitar eternamente o belo? Natureza, feiçoira impiedosa, rival sempre vitoriosa, deixa-me! Pára de provocar os meus desejos e o meu orgulho! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido.

IV

Um folgazão

Era a explosão do ano novo: um caos de lama e de neve, cruzado por mil carruagens, cintilante de brinquedos e bombons, fervilhante de cupidez e desesperos, delírio oficial de uma grande cidade capaz de perturbar o cérebro do mais intrépido solitário.

No meio da barafunda e da algazarra, trotava energeticamente um asno, perseguido por um maltrapilho armado com um chicote.

Quando o asno ia a virar a esquina de um passeio, um belo sujeito enluvado, envernizado, cruelmente engravataado e aprisionado num fato novinho em folha, curvou-se cerimoniosamente diante do simples animal, e disse-lhe, tirando o chapéu: «Bom ano e felicidades!», voltando-se em seguida para não sei que companheiros com um ar enfatuado, como que a pedir-lhes que juntassem a sua aprovação ao seu contentamento.

O asno não reparou no belo folgazão, e continuou a correr zelosamente para onde o dever o chamava.

Quanto a mim, fui tomado subitamente por uma fúria desmedida contra aquele magnífico imbecil, que me pareceu concentrar em si todo o espírito da França.

V

O quarto duplo

Um quarto semelhante a um devaneio, um quarto verdadeiramente *espiritual*, onde a atmosfera estagnada tem um ligeiro toque de rosa e de azul.

A alma toma aí um banho de preguiça, aromatizado pela mágoa e o desejo. — É qualquer coisa de crepuscular, de azulado e rosado; um sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, elanguescidas. Os móveis parecem sonhar; dir-se-iam dotados de uma vida sonâmbula, como o vegetal e o mineral. Os tecidos falam uma língua muda, como as flores, como os céus, como os pores-de-sol.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Em relação ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui, tudo tem a suficiente claridade e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um odor infinitesimal do mais requintado gosto, a que se mistura uma ligeiríssima humidade, banha esta atmosfera, onde o espírito sonolento é embalado por sensações de estufa.

A musselina cai abundantemente diante das janelas e da cama; espalha-se em cascatas de neve. Sobre a cama está deitado o Ídolo, a soberana dos sonhos. Mas como é que veio parar aqui? Quem a trouxe? Que poder mágico a instalou neste trono de devaneio e volúpia? Que importa? Eii-la! Reconheço-a.